

NO JARDIM FILOSÓFICO DE ASTRID CABRAL: DA INDIVIDUALIDADE À SOLIDARIEDADE

IN ASTRID CABRAL'S PHILOSOPHICAL GARDEN: FROM INDIVIDUALITY TO SOLIDARITY

Carlos Antônio Magalhães GUEDELHA

Márcio Camillo da SILVA

Resumo: Este artigo tem por finalidade a análise do conto *À sombra da papouleira*. Essa narrativa foi publicada pela escritora amazonense Astrid Cabral no livro *Alameda* que foi publicado em 1963. Este artigo analisa a relação entre o “eu” e o “outro” a partir da caracterização inicial dos personagens pelo narrador e pelo outro personagem. Em um segundo momento, mostra-se como um acontecimento comum a eles abre espaço para a solidariedade. A teoria usada será a filosofia de Jean-Paul Sartre em *O ser e o nada*.

Palavras-chave: Alameda; Astrid Cabral; Existencialismo; Sartre.

Abstract: This article aims to analyze the short story *À Sombra da Populeira*. This narrative was published by Amazonian writer Astrid Cabral in the book *Alameda*, which was published in 1963. This article analyzes the relationship between the “I” and the “other” from the initial characterization of the characters by the narrator and the other character. In a second moment, it shows how an event common to them makes room for solidarity. The theory used will be the philosophy of Jean-Paul Sartre in *Being and Nothingness*.

Keywords: Alameda; Astrid Cabral; Existentialism; Sartre.

Solipsismo e o outro como reconhecimento de si

De uma maneira geral, os personagens dos contos do livro *Alameda* não interagem com outros personagens. Na narrativa *Um grão de feijão e sua história*, o grão de feijão não se relaciona com nenhum outro personagem, embora tivesse havido um prenúncio de relação com outros grãos, mas eles já se encontravam mortos. Em *A aventura dos crótons*, como se pode deduzir pelo que está escrito no próprio título, havia mais de um cróton, mas entre eles não havia nenhuma inter-relação. Foram tratados de modo coletivo, mesmo quando se fez alusão aos pequenos crótons que poderiam se machucar na descida da perambeira. O mesmo juízo se pode ter no conto *A Cerca*. Nessa narrativa, pode-se verificar que, embora houvesse outros personagens na história, eles não interagem entre si. Ainda que houvesse um espaço narrativo comum compartilhado, cada personagem tinha o seu próprio mundo. Cada um deles, dentro de narrativas diferentes, tinha algo em comum: o solipsismo. Solipsismo diz respeito justamente ao

fato de que os personagens são tratados como se os outros personagens simplesmente não existissem. Eles, obviamente, não têm dúvida de que os outros seres existem, mas vivem como se eles de fato não existissem como interioridade.

A impressão de quem lê é a de que os personagens estão sempre descobrindo o mundo em que vivem por si sós, sem a ajuda de outros seres que ali estariam sob as mesmas condições, sob os mesmos problemas e sob as mesmas experiências. Considerando-se o conto *A cerca*, por exemplo, percebe-se que há até outro personagem, o gato. Apesar de esse gato aparecer e ter sido morto porque caiu justamente em cima das colunas pontiagudas da cerca, não há nenhuma interioridade entre eles. Nota-se a existência do gato, mas só se sabe de fato o que a cerca pensa a respeito do que está acontecendo. O gato resta na narrativa como um corpo externo, sem comunicação. Falta o ponto de vista do próprio gato. Pode-se dizer, como faz Emmanuel Mounier, em seu livro *Introdução aos existencialismos*, que “uma comunicação externa não conduz do coração do existente ao coração do existente e não nos traz a flor do ser comunicado” (MOUNIER, 1963, p. 139). Dessa forma, na falta de comunicação, tudo se dá de maneira individual, singular. Em suma, não há uma experiência coletiva.

Essa experiência coletiva, no entanto, não é estranha ao conjunto do livro *Alameda*. Isso ocorre, por exemplo, na última narrativa do livro, no conto *À Sombra da Papouleira*. Nessa história, há dois personagens que vivem embaixo de um pé de papoula que está prestes a ser derrubado pelo dono do jardim. Como nunca tinham vivido em outro lugar, eles têm de decidir o que vão fazer. Ambos, diferentemente dos outros contos citados acima, interagem entre si, havendo, dessa forma, discussões, impasses e soluções para um problema que diz respeito a eles.

O problema do outro

Os dois personagens principais que moram à sombra da papouleira têm os curiosos nomes de Folha-Seca e Folha-Verde. Apesar dos nomes, eles não pertencem ao reino vegetal, mas ao reino animal. Representam, dessa forma, o bicho-folha, animal que tem a aparência de uma folha e isso para que possam confundir seus predadores naturais. Esses insetos têm duas cores diferentes: a verde, que se confunde com uma folha verde, e a ocre, que se confunde com uma folha seca. Por isso, podem se distinguir as cores diferentes por meio de seus nomes. Essa semelhança entre eles e as folhas, inclusive, não passa despercebida às próprias personagens.

Durante o desenvolvimento da história, especificamente no vigésimo segundo parágrafo, de acordo com Folha-Seca, seus antepassados teriam se revoltado contra a existência

quieta e procuraram ganhar mobilidade. Folha-Seca, então, tinha visto nessa ação dos antepassados uma grandeza épica. No parágrafo seguinte, o outro inseto, Folha-Verde, apresenta o que pensa dessa semelhança:

Folha-Verde matutava. E aquela história do inseto salteador que resolvera usar jaquetas de folhas como broquel e transmitiria o hábito a gerações sem conta até que a própria natureza se apiedou, decidindo-se a presentear-lo com uma jaqueta indesbotável e duradoura, presa ao corpo como pele? Para essa versão havia a variante de que o inseto adquirira tal aspecto ao cabo de longos anos de alimentar-se exclusivamente de folhas. (CABRAL, 1998, p. 166)

Essa explicação de Folha-Verde, assim como a de Folha-Seca, é fruto da imaginação deles. Ambas as explicações não foram, pelo que se lê no texto, uma herança dos antepassados, mas sim imaginação de cada um dos personagens. Na de Folha-Verde, não há apenas uma única versão do que deve ter acontecido, mas duas possibilidades diferentes. De tudo que se leu, chega-se à conclusão de que, na versão de Folha-Seca, na origem havia uma folha comum que teria se revoltado contra a pacífica existência; na versão de Folha-Verde, havia na origem um inseto que ou usava as folhas como escudo ou que se alimentava de folhas. Bicho ou folha? Apelando-se seja para uma versão, seja para a outra, a explicação da semelhança deles com os insetos ou com as folhas resta perdida em sua origem. Mas as diferentes versões apelam também para o fato de que cada uma das personagens pensa de uma maneira diferente, senão de uma forma contrária à outra. E é justamente isso que acontece desde o início do conto.

Aliás, diferentemente dos contos anteriores que foram citados, este possui um diálogo entre Folha-Seca e Folha-Verde, que vai desde o segundo até o décimo segundo parágrafo. Nos contos anteriores, não havia diálogo entre as personagens. Podia haver, como houve, questões que surgiram e que ajudaram as personagens a esboçar as suas respostas. Mas não houve diálogo, filosófico ou não. Depois do primeiro parágrafo, em que o narrador apresenta e nomeia os personagens, os próximos parágrafos são um extenso diálogo entre Folha-Seca e Folha-Verde. E o que esse diálogo é interessante porque revela na narrativa uma coisa: a existência do outro.

Nessa história, as personagens são conhecidas a partir de uma pequena exclamação de Folha-Seca:

– É tão difícil encontrar sombra a uma hora destas!
Queixava-se Folha-Seca e assumindo ar doutoral, logo se empertigava como a justificar-se do seu desabafo vulgar: – Trata-se, meu amigo, da hora regulamentar para a invasão dos raios solares, os quais incidindo

em perpendicular sobre a terra obstam... O risinho moleque de Folha-verde interrompia o discurso iniciado.

– Dá-se um jeito, espie só o meu cantinho. É a sombra daquela folha torta maior que ela, pois acompanha no chão o caminho do sol no céu. Se com o vento pula, pulo também.

– O que não resolve radicalmente o problema. Se do sol nos abrigamos, diga-me, Folha-Verde, como evitar o mormaço?

– Você é tão mais velho que eu e ainda não descobriu a torneira que pinga escondida entras as avencas, lá no fundo do quintal? Pois é, fico debaixo dela tomando fresca nos pingões de sua chuva indolente. (CABRAL, 1998, p. 161)

Percebe-se que Folha-Seca está sob um escaldante sol de verão no Brasil e, por causa disso, faz um pequeno desabafo, expressão utilizada, aliás, pelo narrador para caracterizar o que o personagem tinha dito. Pelo que depreende da narrativa, o outro inseto, Folha-Verde, estava ao seu lado e riu tanto de seu comentário quanto de seu “ar doutoral”, para assinalar outra expressão do texto. O riso do outro fez com que Folha-Seca se aprumasse novamente e desse uma explicação sobre a inclinação perpendicular dos raios solares, assumindo uma postura professoral. A assunção do ar doutoral pelo inseto é um embuste, pois, logo depois, o narrador qualifica o seu desabafo de vulgar. Esse embuste pode caracterizar a má-fé para fixar o seu comportamento em uma essência pré-estabelecida, mas isso não importa neste momento.

Nesse sentido, há um comportamento fixo, uma personalidade fixa, como se já estivesse consolidada, até mesmo porque, pelo texto, Folha-Seca é, entre os dois insetos, o mais velho. Mas isso agora não importa. Isso fez com que Folha-Seca assumisse novamente uma postura que seu comportamento distraído tinha abandonado foi o fato de que o outro inseto estava ali ao seu lado e percebeu o seu embuste através do riso. As reticências depois do verbo “obstam” indicam que o riso interrompeu o discurso, pois deixou novamente o inseto desconcertado.

Mas a conversa continua. Folha-Verde pede ao outro que “espie o seu cantinho”. O que Folha-Verde mostra é o fato de que ele tem outro jeito de amenizar o calor: ficar à sombra. E quando o sol, em seu caminho, se desloca, o inseto acompanha o itinerário do sol à sombra do arbusto. Folha-Seca não se dá por vencido e diz que aquilo não resolve inteiramente o problema: evita o sol, mas não o seu calor, o seu mormaço. A isso novamente Folha-Verde indica outra solução, que é o aproveitamento dos pingos da torneira lá no fundo do quintal. Isso, no entanto, não sem antes dizer que, apesar de mais velha, Folha-Seca não sabia de tudo, ou mesmo que há outras soluções diferentes daquela apresentada por Folha-Seca. A conversa, é claro, continua, mas o que se tem até agora é indicador da personalidade de ambos os personagens, e é sobre isso que se gostaria de considerar a partir deste momento.

De tudo isso que foi exposto, pode-se traçar em grandes linhas a personalidade dos dois personagens. Pode-se dizer que, nesse diálogo transcrito acima, há algo crucial para o desenvolvimento da história: o processo dessa caracterização através da seleção vocabular, em especial, mas não exclusivamente, a adjetivação. Esse processo é feito tanto pelo narrador quanto pelos personagens. No caso de Folha-Seca, há o seu “ar doutoral”, o seu empertigamento, o vocabulário que usa em sua comunicação, rebuscando os termos (hora regulamentar, incidência em perpendicular, obstar), o seu desabafo, no entanto, é “vulgar”, ela é mais velha; no caso de Folha-Verde, há um risinho “moleque”; ainda em relação à Folha-Verde, percebe-se que tem predileção por palavras no diminutivo (cantinho, risinho). Claro que o narrador refere-se ao riso de Folha-Verde como risinho, mas cantinho é uma palavra usada pelo próprio Folha-Verde. Tudo isso apenas no excerto utilizado.

Há mais ainda no texto. Positivamente, a conversa não é amistosa e desenvolve-se um clima conflituoso de quem sabe mais, se o inseto mais velho ou o mais novo. No entanto, o fato de Folha-Verde mencionar que o seu interlocutor, mesmo sendo mais velho, não sabe a resposta, é bem provocativo, como se quisesse ferir o ego do seu adversário. Nesse mesmo diapasão, Folha-Seca continua o diálogo anterior desta forma:

- Ao regressar, porém, incontinenti se evaporam os pingos e o mormaço regressa como febre.
- Quando vou à bica, Folha-Seca, cadê a vontade de voltar? Fico até a tardezinha esperando a saída da lua.
- Irresponsabilidade. Por isso se entrega aos prazeres da ociosidade. Meus pontos de vista diferem. Não me sobre tempo para vagabundagens desse teor. Tenho as horas tomadas pelos exercícios intensivos de ginástica e canto, exercícios cujos resultados venho obtendo em sucessivas vitórias. Quem senão eu galgou o cume desta papouleira? Os grilos de minhas relações, meu caro, pulam na altitude em que voam as galinhas... Quanto a cantar, não conheço quem me desafie o fôlego.
- Folha-Seca, não foi à toa que desbotou a sua jaqueta no sol. Passa o dia inteiro na lida inútil, inútil... (CABRAL, 1998, p. 162).

Nesse trecho, que é continuação do excerto anterior, Folha-Seca não “dá o braço a torcer”, como se diz. A cada resposta que Folha-Verde lhe dá, opõe outra questão conexa. O objetivo, pelo que se infere, não é a busca da solução – a verdade – mas é sair vencedor da discussão, não importando se há ou não razão do que fora apresentado. Folha-Seca quer demonstrar que o outro é jovem e irresponsável, enquanto ele mesmo é alguém que sempre faz

mais exercícios, ou seja, uma coisa útil, capaz de disputar com os grilos os saltos que dá. Por causa de sua dedicação, de sua opção pela não ociosidade, conseguiu algumas proezas, como atingir o cume da papouleira, pular e dançar. Sempre está empenhado nos exercícios físicos, o que o torna capaz de atingir alturas só conseguidas pelas galinhas.

Os doze primeiros parágrafos, basicamente, servem para caracterizar as personagens. Pode-se, por causa da conversa, dar a cada um dos insetos uma personalidade. Pode-se, inclusive, formar oposições entre eles, como: ocupação x ociosidade; utilidade x inutilidade; seriedade x brincadeira. Em todas essas oposições, sem grande esforço, poder-se-ia caracterizar Folha-Seca pela primeira palavra do par e Folha-Verde pela segunda palavra do par de oposições.

De um modo geral, o que se tem é o fato de que se conhece Folha-Seca pelo que dela falam o narrador e o outro personagem; e só se sabe de Folha-Verde o que dela Folha-Seca e o narrador dizem. Folha-Seca e Folha-Verde não necessariamente são assim. Por isso falava Sartre, no livro *Entre quatro paredes*, que o inferno são os outros.

Explica-se melhor com o primeiro exemplo de Folha-seca. Notam-se a respeito dele algumas características. Algumas são dadas por uma autocaracterização: ele é um ginasta, alguém que sempre tem amizades sadias com os grilos, com quem, aliás, pratica seus utilíssimos exercícios corporais, treinando, em especial, o salto; além disso, utiliza um vocabulário invulgar e uma profundidade típica de quem estuda. Em suma, é um inseto aplicado. Mas há outra caracterização que não provém dele mesmo, mas de outro inseto. Nessa outra caracterização, Folha-Seca é descrito como um embusteiro, alguém que não se mostra como realmente é; além disso, por esse novo ponto de vista, os exercícios são inúteis e ele é um “chato” que sempre repete a mesma coisa sem nenhuma inovação. Não quer se mostrar convencido de que, apesar de estar mais tempo no mundo, não encontrou outras soluções para velhos problemas, como o do calor.

Mas quem é de fato Folha-Seca? Ele é somente a sua própria visão? Ou ele também é o que dele pensa Folha-Verde? Essa resposta não é tão simples assim, e isso pode ser aprofundado pela filosofia de Sartre. Para o existencialismo sartreano, não há uma essência fixa, pois a pessoa sempre é aquilo para onde o seu desejo a encaminha, abrindo-lhe um futuro que está por fazer. A pessoa é, nesse sentido, provisória. Nesse caso, isso se aplica ao inseto Folha-Seca também. Ele ruma em direção ao seu futuro, ao seu vir-a-ser. Mesmo assim, é caracterizado com determinadas qualidades, positivas ou negativas. Essa caracterização é uma objetivação que

Folha-Verde faz. Folha-Seca só sabe que é assim caracterizado porque ouve do próprio Folha-Verde. Se não fosse isso, nunca saberia que “tem” essas qualidades. Se não fosse a presença do outro inseto, Folha-Seca não saberia que poderia ter aquelas outras qualidades acima elencadas. A presença do outro é, dessa forma, importante não porque existe, mas porque, em existindo, vê Folha-Seca. Dessa forma, Sartre, em *O ser e o nada*, já dizia que “é porque, com efeito, o Outro não é somente aquele que vejo, mas aquele que me vê. Encaro o Outro enquanto sistema conexo de experiências fora de alcance, no qual figuro como um objeto entre outros” (SARTRE, 2015, p. 297).

Franklin Leopoldo e Silva expressa essa mesma assertiva ao dizer que “ser visto é receber uma qualificação” (SILVA, 2004, p. 187). À medida que Folha-Seca é visto pelo outro inseto, ele é qualificado através de uma objetivação feita por outro que tem outra experiência. Nesse sentido, Sartre explicita a relação entre o outro e a experiência: “Significa que o Outro, na minha experiência, não é um fenômeno que remeta à minha experiência, mas se refere por princípio a fenômenos situados fora de toda experiência possível para mim” (SARTRE, 2015, p. 296). O outro, ao me ver e por ter outra experiência, julga, qualifica, em termos objetivos. Mas isso traz alguns problemas que serão considerados ainda nas linhas abaixo.

Para tratar desse fato da condição humana, Sartre elabora o conceito de ser-para-outro. Para o filósofo francês, esse conceito é revelado a partir de uma contradição fundamental: o outro é o eu que não sou eu. Nesse sentido, pode-se falar inicialmente que, sem o outro, Folha-Seca não saberia como poderia ser qualificado. Mas não é só isso. Indo um pouco além, pode-se dizer que, sem o outro inseto, Folha-Seca não poderia nem mesmo qualificar a si mesmo. Folha-Seca, caso estivesse sozinho embaixo da papouleira, não poderia nem mesmo se adjetivar, entender o que ele é. Sem o outro, seria como se Folha-Seca fosse um ser-em-si, ou seja, como algo imutável. Dessa mesma forma, Folha-Seca não saberia nem mesmo o que ele mesmo é. O outro, então, permite que Folha-Verde, ao olhar o outro, veja quem ele mesmo é, por comparação. Mas o olhar do outro o objetiva, como disse Sartre acima. E o que é isso? Esse é o inferno de Folha-Seca.

De acordo com Sartre, as pessoas não podem objetivar-se a si mesmas. As pessoas só podem objetivar o outro. Ao fazer isso, ou seja, objetivar o outro, fixam-se alguns caracteres do outro. Só que o outro é para-si, sempre está em direção ao futuro, em perpétua mudança. As pessoas são seres provisórios, ou seja, podem se modificar diante das circunstâncias que encontram em seu mundo. Elas não estão completas, eternamente fixadas na objetivação do outro. Atendo-se ao conto, as considerações de Folha-Verde objetivam alguns comportamentos de Folha-Seca, como se suas atitudes fossem para sempre dessa mesma forma. Mas não são.

Sem contar com o fato de que essas considerações são fruto da experiência de Folha-Verde. Só que Folha-Seca não pode se objetivar a si mesmo, mas pode objetivar a objetivação de Folha-Verde. Sartre, referindo-se a Hegel, escreve o seguinte: “Por outro lado, é o que Hegel pressentia ao dizer que a existência do Outro é necessária para que eu seja objeto para mim” (SARTRE, 2015, p. 313). Só que há aí um problema. Quando Folha-Verde objetiva o outro, Folha-Seca “fica despojado de sua transcendência”, nos dizeres de Sartre (SARTRE, 2015, p. 338).

Do que se disse acima, pode-se perceber que Folha-Seca sabe o que Folha-Verde pensa dele. Mas só pode objetivar o que Folha-Verde de fato disse. Mas Folha-Seca não pôde captar tudo, não pôde entender o principal. De todo esse diálogo inicial entre os dois, no texto o narrador diz que o risinho de Folha-Verde interrompeu o discurso de Folha-Seca. Mas o que o risinho corta mesmo é o orgulho de Folha-Seca. É esse orgulho que faz com que sempre coloque uma questão a uma resposta de Folha-Verde. E esse orgulho é a natureza de Folha-Seca, pelo menos naquela discussão. Ainda sobre esse ponto, escreve Sartre: “...Meu pecado original é a existência do Outro; e a vergonha – tal como o orgulho – é a apreensão de mim mesmo como natureza, embora esta natureza me escape e seja incognoscível como tal” (SARTRE, 2015, p. 338). De fato, orgulho que Folha-Seca tem não consegue ser percebido por ele mesmo e é isso que o risinho e as perguntas posteriores vão revelar, mas isso não fica claro para ele mesmo.

Mudança de rumos: a solidariedade

No décimo parágrafo, o conto muda de rumo. Folha-Verde pergunta se não teria ouvido a afirmação que a menina teria feito à papouleira: “– Papai quer derrubar você para fazer um jardim novo, mas eu não quero” (CABRAL, 1998, p. 162-163). Diante disso, o próprio mundo em que os personagens vivem está em questão e, com ele, está o próprio jardim porque, segundo a menina, o pai quer um novo jardim. A estabilidade então desmorona e a provisoriamente se restabelece. O mundo-jardim-papouleira é um problema que atinge os dois personagens igualmente. “Estamos ao léu”, diz, por fim, Folha-Verde. O orgulho de Folha-Seca, no entanto, não diminui e diz: “— Como todo jovem concede às palavras valor excessivo. Ah credulidade pueril! Saiba que morreremos” (CABRAL, 1998, p. 163).

Depois disso, a discussão acaba e o tom do conto fica mais melancólico ante o futuro que se avizinha com sua incerteza, com a provisoriamente de toda pretensa estabilidade. Os ânimos se arrefecem e, pelo que está exposto, os conflitos se calam diante da mensagem da

papouleira, que goteja suas papoulas como se fossem gotas de sangue. O falatório da tarde é substituído pelo silêncio da noite em vigília:

Porque a noite andasse perto e o calor em declínio, a conversa arrefecera. Mais que isso, a melancolia colhera os dois. Se um antevia a papouleira morta, o outro começara a tremer ante a possibilidade da morte. Isso os irritava num silêncio pesado, constrangedor, até que papoulas exaustas e flácidas desprenderam-se dos galhos e escorreram rubras gotas de sangue da penumbra. (CABRAL, 1998, p. 163)

A imagem das papoulas caindo, como se sangue fossem, é um canto do cisne. É o prenúncio de sua morte e, tacitamente, de sua resignação diante desse fato. Há, por parte dos personagens, uma mudança em suas tonalidades afetivas. A morte, seja dos personagens, seja da papouleira, traz aos insetos irritação de sua condição. A imagem, no entanto, metaforizada em flores vermelhas que caem, fecham o parágrafo. Nesse excerto, nota-se que o narrador não diz qual dos personagens pensa na própria morte ou na morte da papouleira.

Nos diálogos seguintes, o tom de disputa é substituído pela reflexão, e a emoção toma conta dos personagens. Nessa nova conversa, empreende-se de fato um verdadeiro diálogo. Para Harley Farias Dolzane, diálogo é “o movimento de diferenças que coexistem na comunicação, uma dinâmica que confere reversibilidade ao que é diverso na conversa e possibilita a reunião em universo” (DOLZANE apud CASTRO, 2014, p. 63). Nesse sentido, os bichos-folha, apesar de suas diferenças de opinião, convergirão a um ponto único.

Para Folha-Seca, “a vida é isso, um rosário de pequenas mortes” (CABRAL, 1998, p. 163). Com essa fala, aponta-se para a condição de todo ser-bicho-folha: sua finitude. Folha-Seca deixa o tom pedante que assumira e toma consciência do fato de que a morte faz parte da estrutura da vida, que é composta de “um rosário de pequenas mortes”. Essa reflexão-síntese é um instante que reúne, concomitantemente, passado, presente e futuro, uma espécie de alumbramento que ilumina e leva os personagens além de sua condição atual. Nesse momento da narrativa, percebe-se que a situação leva-as a um impasse tal, que a reflexão as obriga a transcender esse momento limite. A palavra experiência aponta mesmo para esse sentido, pois experiência significa transcender o limite em que se está. Andrea Copeliovitch diz o seguinte:

A palavra experiência é constituída pela raiz indo-europeia *Per*, de onde derivam várias palavras relacionadas à ideia de travessia, viagem (*perao*, passar através; *peraino*, ir até o fim; *peiro*, atravessar); e o prefixo *ex*: Movimento para fora; experimentar: realizar um movimento de travessia, um movimento em direção ao horizonte, *horidzo*, que

também significa limitar, um movimento para fora dos limites. (COPELIOVITCH apud CASTRO, 2014, p. 93)

Os personagens não dormem naquela noite. A dor, a tristeza, a aflição são o cenário revelado através da noite. E tudo isso porque as pequenas mortes, como pensamento, sintetizaram e aclararam o eixo fundamental em que se escora a vida. Os pequenos animais são finitos, a papouleira é finita, mesmo aquele momento em que vivem é finito. Logo, a vida é um rosário de pequenas mortes. Mas isso só é possível porque houve, da parte das folhas-bicho, o esquecimento dessa finitude. Moraram ali desde sempre como se tudo fosse eterno, como se tudo tivesse a marca do para sempre. Esqueceram que a vida é provisória. O acontecimento traz-lhes novamente essa compreensão.

O fato do anúncio da reformulação do jardim é o acontecimento fundamental da narrativa e do seu desenvolvimento posterior. Há na história narrada uma progressiva aceitação dos fatos e de sua inexorabilidade. Não há desespero. Há uma renúncia da irreversibilidade da morte da papoula. Nesse ponto, o tom da narrativa muda: “Já Folha-Verde, sentindo a necessidade da partida, recordava a doçura das manhãs ensolaradas... (CABRAL, 1998, 164)”. A tonalidade afetiva é composta então do tom de despedida. Mas essa despedida traz em si o sentido de abandono, por isso as recordações são expostas.

A recordação que entra em cena a partir do décimo nono parágrafo é o funcionamento da camuflagem que lhes permitia sobreviver apesar dos inimigos naturais e dos próprios seres humanos. Embora a vida oferecesse seus perigos, a camuflagem permitia-lhes viver bem ali. Por isso que Folha-Verde “sonhava vida mansa, sem sobressaltos. Banhar-se na bica, tirar sonecas à sombra da papouleira, conversar fiado com Folha-Seca, rir de suas tiradas demagógicas, o pedantismo inofensivo” (CABRAL, 1998, p. 164-165). Esse mundo está prestes a acabar. Ser significa provisoriamente. Nesse mesmo sentido, Manuel Antônio de Castro explica o ser: “É um caminho que conduz a lugar nenhum. Isso é difícil porque, como finitos, temos o pesado fardo de nos desfazermos do limite” (CASTRO, 2014, p. 219).

O que está para acabar é a sombra da papouleira e esse limite agora tem de ser transposto. Como a questão do parágrafo é o limite, o narrador lembra da camuflagem, pois para Folha-Verde não tinha nenhum problema. Como era verde, sempre podia se camuflar de seus inimigos entre as folhas; já Folha-Seca enfrentava problemas por causa de sua cor: “Já Folha-Seca afligia-se nas épocas quando o sol apenas tépido não tostava os vegetais e o verde era cor única. Armazenava então pequenas provisões que espalhava em pontos estratégicos. De prudência, aparatosa e sábia, contornava surpresas desagradáveis” (CABRAL, 1998, p. 165).

Esse ponto é importante. De um lado, mostra a mudança de tom: de um conflito motivado por diferenças e por orgulho, o diálogo se encaminha para considerações mais sóbrias. Nesse excerto, Folha-Seca é revelada pelo narrador como prudente, aparatosa e sábia. De outro lado, a camuflagem de Folha-Seca mostra-se deficiente, mas a deficiência é suprida pela experiência.

Embora tenha sido falado no início deste artigo sobre os antepassados, é justamente nesse ponto do conto que o narrador introduz a origem dos bichos-folha. A colocação da origem genealógica nesse momento da narrativa serve como um alargamento de perspectivas das personagens. A origem – imaginária – de seus ascendentes serve para mostrar-lhes mais uma vez que a sua evolução significou mobilidade, ou seja, aos poucos deixaram de ser folhas imóveis para serem animais com mobilidade. O narrador especula sobre a semelhança entre os insetos e as folhas. Para ele, os insetos tinham sido simplesmente folhas; porém algo misterioso as fez se dobrarem e adquirirem volume e, progressivamente, autonomia. O narrador percebe que os porquês não adiantavam, mas admite que era difícil se afastar das cismas. A evolução deles serviu-lhes para dar autonomia, emancipação, e é justamente isso que as personagens se esqueceram enquanto viviam ali à sombra da papouleira.

Nos parágrafos finais, Folha-Verde pergunta à papouleira se ela sabia do que ia acontecer:

Voltava a pensar na papouleira e seu destino. Tinha perguntado, numa hora discreta, em que não havia ninguém por perto e Folha-Seca dormia extenuado de tantas ginásticas: – “Minha boa amiga, então você já sabe a sorte que a aguarda? Ouviu a sentença do dono da casa? O jardineiro é seu advogado, eu sei, mas a vontade do outro é que manda”. (CABRAL, 1998, p. 166)

A papouleira não responde. Objetivamente não há uma resposta. Há, nesse diálogo, um grande e eloquente silêncio por parte do pé de papoula. Esse silêncio é muito significativo. É interessante observar que, no conto em que predomina o diálogo entre as personagens, haja esse silêncio. Não se deve, obviamente, contrapor o silêncio ao diálogo, como se houvesse entre eles uma dicotomia. Há nesse silêncio o que disse Eduardo Gatto:

Não sendo desde o homem, o silêncio como um calar somente nele se manifesta porque o humano está lançado numa dinâmica temporal que revela e resguarda o silêncio, a quietude, o mundo, a linguagem. Experenciamos o silêncio como questão quando abrigados na escuta que nos condiciona a auscultarmos o que a realidade nos impõe.

Pertencendo a ela, opomo-nos ao que silenciosamente é. Heidegger já nos diz que escutar é pertencer. (GATTO apud CASTRO, 2014, p. 222)

Na dinâmica do próprio perguntar, o silêncio é eloquente no sentido de que já apela para a realidade da inexistência futura da papouleira. Nesse silêncio, Folha-Verde escuta a realidade, da qual agora não resta nenhuma dúvida. Percebe o crime que acontecera e percebe também que, limitado como é, não pode fazer nada a esse respeito. Pensa que não pode “sustar a maldade daquele homem” (CABRAL, 1998, p. 167). De onde nasce o problema também nasce a solução. Nesse momento, Folha-Verde compreende que não pode mais permanecer naquele jardim. O futuro é-lhe apresentado dessa forma, ante sua incapacidade frente ao mal. Volta então à sua genealogia e se recorda que seus antepassados existiam não para ficarem estáticos, mas que o movimento lhes era natural. Esse movimento seria para transpô-las além dos jardins e das alamedas: “Se até as folhas, num efêmero outono abandonavam seus hábitos sedentários e se punham em viagem muito além das alamedas e dos jardins” (CABRAL, 1998, p.167). Percebe, é claro, que a viagem será cansativa. Diz que procurará uma nova papouleira. Isso significa que se procurará por uma nova estabilidade, mas significa também que procurará por um novo mundo onde possa se abrigar, por uma nova casa.

Desse modo, só resta aos personagens “trocar de paisagem”. Isso é muito importante neste conto. A convivência entre os personagens, que inicialmente é de conflito, motivado pelo orgulho de Folha-Seca, dá lugar à solidariedade dos bichos-folha. Essa solidariedade começa a se formar, como se pode observar, quando o mundo, o mesmo para ambos, está prestes a não existir. O conflito, nesse novo patamar, não tem mais importância, porque o orgulho de nada lhes serve. O problema não é mais apenas individual, mas pertence à comunidade onde vivem. O “eu” dá lugar ao “nós”. Esse “nós” empreende uma fraternidade entre as personagens. A esse respeito, já dizia Sartre que: “A relação do homem com seu próximo; chamamos isso fraternidade porque eles se sentem como tendo a mesma origem. Têm a mesma origem e, no futuro, um fim comum. Origem e fim comuns, é isso que se constitui sua fraternidade” (SARTRE, 1981, p. 47).

A fraternidade aparece no último parágrafo do conto e do livro. Nesse parágrafo, Folha-Verde convida Folha-Seca para uma nova empreitada, para um novo projeto nascido na noite velada no silêncio da papouleira: partir. Mas o partir não se opõe ao voltar. Quando o jardim estiver pronto, eles prometem voltar para a desforra. Resta apenas chegar a madrugada para o início do caminhar dos andarilhos e depois, sem fixação de data, a volta para a vingança.

À guisa de conclusão

O conto *À sombra da papouleira*, através da caracterização de dois personagens e de suas vicissitudes, mostra a evolução narrativa que vai da individualidade à luta coletiva pela sobrevivência. O fato de a papouleira onde habitam, bem como o próprio jardim em que está a papouleira, desaparecerá, comprometendo a existência dos bichos-folha, é o suficiente para que lembrem de que, desde seus ancestrais, o movimento é a instância a partir da qual viveram e viverão. A permanência, e a estaticidade são apenas ilusórias. Nesse sentido, percebendo a situação em que se encontram, mudam os planos e empreendem a caminhada rumo ao futuro, incorporando em si mesmos a incerteza do que encontrarão.

Referências

CABRAL, Astrid. *Alameda*. Manaus: Valer, 1998.

CASTRO, Manuel Antônio de (Coord. e org.). *Convite ao pensar*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

MOUNIER, Emmanuel. *Introdução aos existencialismos*. Trad. João Bernard da Costa. São Paulo: Duas Cidades, 1963.

SARTRE, Jean-Paul. *O testamento de Sartre*. Porto Alegre: LPM, 1981.

_____. *O Ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis – RJ, Vozes, 2015.

SILVA, Franklin Leopoldo e. *Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios*. São Paulo: Unesp, 2004.

CREDECIAIS

CARLOS ANTÔNIO MAGALHÃES GUEDELHA

Pós-Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UNB). Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com área de concentração em Teoria e Análise Linguística. Doutorado realizado com bolsa parcial da Fapeam. Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), com foco em estudos literários na Amazônia. Graduado em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Experiência profissional desde 1985 na educação básica em escolas diversas da rede pública e privada de Manaus; Professor de carreira da Universidade Federal do Amazonas desde 2005; atualmente é Subsecretário de Gestão Educacional da Secretaria Municipal de Educação do Município de Manaus. Experiência na área de Letras, com ênfase nas interfaces da Linguística e

da Literatura, trabalhando principalmente com os seguintes temas: diálogos de saberes, teoria e crítica literária, literatura de expressão amazônica, metáfora, teorias da enunciação, usos da linguagem; Líder do Grupo de Estudos da Metáfora e Pesquisas em Língua e Literatura da Expressão Amazônica (Gremplexa), certificado pelo CNPq; Autor e organizador de livros diversos de literatura, linguística e poesia. Endereço eletrônico: cguedelha@gmail.com
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7081769664734266>

MÁRCIO CAMILLO DA SILVA

Mestre em Literatura pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Graduado em Letras Português-Grego pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e graduado em Direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Participa do Grupo de Estudos da Metáfora e Pesquisa sobre Língua e Literatura de Expressão Amazônica (Gremplexa). Membro efetivo da Comissão Editorial da Revista Mesopotâmia - Revista Amazônica de Estudos Linguísticos e Literários, periódico semestral do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor de Língua Portuguesa e Literatura no Colégio Militar de Manaus. Experiência na área de Letras, com ênfase nas interfaces da Literatura e da Filosofia, trabalhando principalmente com o seguinte tema: Hermenêutica ontológica de livros de Literatura brasileira. **Endereço eletrônico:** mscamillo72@gmail.com
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8000571132647297>

Recebido em: 31/05/2021

Aceito para publicação em: 17/07/2021